

Prefácio

Leila T.

Uma coisa que me motiva — sobre-tudo — é o comichão da curiosidade; ainda que sobre nada em específico, até que assim se faça. Também me encanta e alimenta ver, ouvir e conhecer esse mesmo comichão alheio e os movimentos daí decorrentes.

Um físico uma vez afirmou que seu entendimento do sentido da vida era o desenvolvimento. Conquanto eu concorde com a frase, me interessa mais debater a noção de “desenvolvimento”. Enquanto dissidente da “lógica científica”, no seu limitado entendimento de mundo por um viés iluminista clássico, sou favorável — condizente com uma fala durante o momento de debate na Conferência — a uma democratização do conhecimento. Na verdade, sou favorável à democratização e à troca de conhecimentos, de sabedorias, de experiências múltiplas e diversas de apreensão de si, do outro e de mundo, num resgate politeísta de regências dialogantes e não verticalmente hierárquicas.

A partir da experiência de lecionar, e tendo convivido com lecionantes com as mais diversas experiências, um ponto me marcou: saber sobre algo não implica saber ensinar ou compartilhar esse conhecimento com outrem. Ensinar, instruir, preparar uma aula, demanda um re(a)ver(-se) (com) o conteúdo (e consigo), que demanda a inclusão de disponibilidade de perspectivas outras, especialmente quando o foco é o desenvolvimento de um saber — que é, e deve sempre permanecer, vivo. Nesse sentido, dar aula, instruir, escrever um artigo científico/acadêmico não me parecem muito diferentes. Parte-se de algo: um conhecimento, uma dúvida, uma certeza (falseável, especialmente dada sua natureza subjetiva); daí é possível construir caminhos. Conforme apontado diversas vezes, de formas diferentes, durante o Debate nesta edição da Conferência, tanto certeza quanto dúvida são lugares incômodos, incomodados e incomodáveis. Meu entendimento é que é daí que surge a possibilidade de desenvolvimento de vida (e de morte): quando abdicamos da necessidade de certeza como validação da própria opinião, abrimos espaço para uma busca que é coerente, ressonante e aberta a diálogo, independente de “provas” e “comprovações”, especialmente quando se fala de experiências que partem de ser(-se) humano, numa construção de comunidade afim, diversa e múltipla.

Trago comigo a experiência de revisar os textos a seguir a partir dessas premissas. E agradeço a oportunidade de receber o conhecimento de vocês e adicionar o

meu, no que espero ter sido — especialmente para os autores — uma troca crescente para ambos os lados. Por que, a meu ver, quando você se motiva por esse comichão que eu chamo de curiosidade, mais do que pela necessidade de validação do seu senso de certeza, isso abre chance à curiosidade de alçar mais, novos e mais longos vôos.

E, para quem se interesse, meu conselho nessa empreitada “acadêmica” da Conferência de Iluminismo Científico (enquanto assim for seu nome) é: faça, escreva; o caminho vai se fazendo durante o processo.